

FBT

Tarefa de Crenças Falsas

Autor(es): H. Wimmer e J. Perner

Adaptação: L. Martins e O. Cruz¹

Tipo de instrumento: Teste

Versão: n. a.

População-alvo: Crianças de idade pré-escolar

Tempo de aplicação: 10 a 15 min.

Material: Guião com histórias e instruções, folha de resposta, grelha de cotação, cenário, 2 bonecos e 2 objetos em madeira

Classificação: B (cf. anexo 1)

A Tarefa de Crenças Falsas (TCF) é a adaptação portuguesa da False Beliefs Task (Wimmer & Perner, 1983).

A tarefa de crenças falsas avalia a capacidade das crianças atribuírem representações mentais erradas a uma personagem e de preverem o seu comportamento em função dessa atribuição. O sucesso nesta tarefa implica a compreensão explícita de uma distinção entre o ponto de vista próprio e a representação interna da personagem e, neste sentido, tem sido utilizada no contexto da investigação sobre a Teoria da Mente.

A apresentação da tarefa consiste na dramatização de duas histórias (A e B), representadas num cenário com figuras móveis, em que um objeto é escondido e posteriormente transferido para outro local na ausência do protagonista. Existem 2 versões distintas para cada história: uma versão cooperativa (em que o protagonista pretende mostrar a localização real do objeto) e uma versão competitiva (em que o protagonista pretende iludir um antagonista sobre a verdadeira localização do objeto). No total, a tarefa compreende portanto quatro situações distintas.

No final de cada história são colocadas as seguintes questões: I) “Onde é que o protagonista vai procurar o objeto?”; II) “Onde é que o protagonista vai dizer que está o objeto?”; III); “Onde é que está realmente o objeto?”; IV) “Onde foi escondido o objeto no início?”. As respostas às questões I) e II) (questões de crença) são cotadas como correto ou incorreto, constituindo um indicador dicotómico da capacidade de representação de crenças falsas. As questões (III) e (IV) destinam-se a avaliar se a criança sabe realmente onde se encontra escondido o objeto (questão de controle) e se ainda se lembra onde este foi escondido inicialmente (questão de memória).

O estudo de adaptação portuguesa da tarefa de crenças falsas foi realizado no âmbito das provas de mestrado de Martins (2010) com uma amostra constituída por 36 crianças, 20 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, com idades compreendidas entre 56 e 68 meses. Estas crianças frequentavam um jardim de infância particular e todas foram consideradas pelas educadoras como apresentando um desenvolvimento normativo. Um grupo significativo de crianças respondeu com sucesso a ambas as questões de avaliação de crenças falsas, respetivamente 44%, 40%, 50% e 19% para as versões cooperativa e competitiva da história A e da história B. Estes valores são semelhantes aos obtidos por Wimmer e Perner (1983) com um grupo de crianças de idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos e corroboram o facto amplamente documentado na literatura de uma mudança na compreensão das representações mentais por volta dos 4/5 anos. Os resultados permitem afirmar ainda que a capacidade discriminativa é superior para a versão cooperativa de ambas as histórias onde os resultados são claramente dicotómicos (resposta correta/errada em ambas as

1 Endereço para contacto: orlanda@fpce.up.pt

questões). Com exceção da versão competitiva da história B, as restantes versões correlacionam-se entre si e com a nota total de crenças falsas.

Tal como tem sido observado noutros estudos, os resultados obtidos na tarefa de crenças falsas correlacionam-se com a capacidade verbal das crianças e com a escolaridade das mães (Martins, 2010).

Referências

- Martins, L. (2010). *Conhecimento emocional, teoria da mente e aceitação pelos pares na idade pré-escolar*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Wimmer, H., & Perner, J. (1983). Beliefs about beliefs: Representation and constraining function of wrong beliefs in young children's understanding of deception. *Cognition*, *13*, 103–128.